

O movimento disciplinar sobre os estudos do discurso, no contexto brasileiro, a partir dos anos 1980¹

Amanda Eloína Scherer*
Verli Petri**

Resumo

Este artigo explicita como as palavras “discours” e “discourse” podem fundar um campo disciplinar brasileiro a partir da problemática sobre a historicização das ideias linguísticas em nível nacional. O que estamos apresentando aqui são as condições de produção do seu próprio desenvolvimento institucional e os meios políticos para sua constituição. De fato, o objetivo principal é entender como a análise do discurso toma formas próprias e torna-se uma disciplina como um todo, mas se dividindo em AD, ACD ou ADC. Nossa análise leva em conta que há uma rede que se estabelece nas relações institucionais, dando corpo ao impacto do mundo exterior sobre a evolução da teoria mesmo do discurso.

Palavras-chave: Historicização. Disciplinarização. Análise do discurso. Político. Crítica.

No Brasil, a disciplinarização dos estudos sobre o discurso tomou impulso no final dos anos 70 e começo dos anos 80 do século XX, e seus fundamentos teóricos vieram de fora, seja da Europa e, seja dos Estados Unidos, pelo retorno de grande parte dos pesquisadores que se encontravam longe do país por causa da ditadura militar. Tais estudos desenvolveram-se a partir da pesquisa elaborada fora do quadro teórico brasileiro, mas aqui, uma vez instalados no circuito universitário, principalmente nos programas de formação doutoral (objeto deste artigo), eles tomaram formas diferentes e designações específicas, fazendo aparecer

* Professora Associada do DLCL, pesquisadora do Laboratório Corpus, Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Santa Maria.

** Professora Adjunta do DLV, pesquisadora do Laboratório Corpus, Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Santa Maria.

Data de submissão: abr. 2013 – Data de aceite: ago. 2013

<http://dx.doi.org/10.5335/rdes.v9i2.3848>

campos de saber distintos daqueles do estrangeiro. A disciplinarização (entre o “discours” e o “discourse”) faz-se no movimento de disciplinas e de programas que vão dar sentidos à pesquisa realizada no Brasil. Esse é o momento também que segue àquele no qual se inscreve o linguista Mattoso Câmara e que vai nos “*permettre d’assister, entre autres choses, à la constitution nette de la sémantique comme domaine disciplinaire spécifique*”² (GUIMARÃES, 2007, p. 27), permitindo-nos afirmar, com o autor, que esse é o período em que as disciplinas da significação vão tomar lugar no mundo universitário brasileiro.

Além disso, Guimarães explicita que

“les années 70 sont le moment fondamental de ce nouveau mouvement d’idées. Ce qui se présente à cette époque, est, d’un côté, d’une importance décisive et, de l’autre, marque le début d’un processus de production de connaissance qui se projettera sur les années suivantes et jusqu’à nos jours”³ (2007, p. 27).

Este autor reúne em onze grupos os trabalhos desenvolvidos neste período onde ele vai colocar os que tratam sobre a análise de discurso e principalmente aquela chamada “de linha francesa”.

O que nos propomos neste artigo é ver como esse movimento se historiciza e se consolida enquanto campo de pesquisa. As questões que vão nos guiar em nossa reflexão estão propostas conforme segue: de que maneira esses estudos entram no Brasil, por quais campos de saber, por quais autores? Como diferentes designações como Análise do Discurso e Análise Crítica do Discurso mexem com

o político⁴ sobre a língua e fundam uma origem brasileira? Como veremos, essas questões concernem à especificidade do trabalho sobre a disciplinarização das teorias sobre o discurso, seus modos de elaboração, sua configuração disciplinar, a fim de tentar mostrar que a genealogia própria ao político sobre a língua vai separar os diferentes aspectos do tratamento dado à palavra “discurso”.

É preciso destacar, igualmente, que aquilo que apresentamos aqui integra um conjunto de resultados de nossas pesquisas realizadas desde 2002⁵ sobre a História das Ideias linguísticas a partir dos trabalhos propostos pelo grupo da Universidade de Campinas (Unicamp) no Brasil, coordenado por Eni Orlandi e Eduardo Guimarães. Os trabalhos desses pesquisadores ajudam-nos a compreender a institucionalização e a disciplinarização de estudos sobre a língua, principalmente no Sul do país, nossa região de origem e onde trabalhamos. A problemática sobre a configuração disciplinar levantada por ocasião de nossas pesquisas permitiu-nos, também, ver a importância que devemos dar ao lugar da fronteira sobre o plano histórico, social e de linguagem quando tratamos desse tipo de trabalho: isso se deve, entre outros motivos, à nossa proximidade com países como a Argentina, o Uruguai e o Paraguai.

Criamos um centro de documentação⁶ constituído de várias materialidades, como, por exemplo: de um lado, revistas de filologia do começo do século XX edi-

tadas na fronteira argentina, os primeiros programas de formação doutoral na região e teses defendidas ao longo desse período; e, de outro, vários manuais do século XIX para o ensino de línguas (materna e estrangeira), bem como as primeiras gramáticas e principalmente dicionários (ditos regionais) dos séculos XVIII e XIX. Para a disciplinarização contemporânea, nós temos, igualmente, uma série de textos que nós chamamos fundadores, bem como programas e resumos de aulas das primeiras licenciaturas em Letras por ocasião da criação de cursos universitários na região, aos quais se juntam entrevistas com os principais professores já aposentados.

A problemática da disciplinarização

Este trabalho coloca-se numa problemática que tem por objeto de pesquisa compreender e fazer conhecer a história da disciplinarização dos estudos sobre a língua no/do Brasil para tentar melhor apreender as particularidades regionais do Sul do país. Por disciplinarização nós queremos “*désigner le processus (historique) par lequel les propositions intellectuelles concernant le domaine considéré créent, reprennent et tentent de maîtriser la temporalité de leur développement*” (PUECH, 2004, p. 125). Buscamos saber, então, o que o estudo do funcionamento da disciplinarização traz ao conhecimento do desenvolvimento das Ciências da Linguagem no nosso

território e ao imaginário de uma língua brasileira. E, inversamente, como esse funcionamento pode ser compreendido pelas condições especiais de produção sobre a língua com os instrumentos linguísticos próprios ao caso brasileiro. Para nós, o estudo da disciplinarização deve levar em conta três aspectos: o primeiro diz respeito ao que é uma disciplina propriamente dita; o segundo, à constituição de um saber sobre a língua; e o terceiro, à produção de instrumentos linguísticos que podem nos ajudar a refletir sobre esse saber como disciplina universitária (SCHERER, 2009).

Nesse quadro, é importante destacar os trabalhos realizados pelo “Laboratoire Histoire des Théories Linguistiques”, sob a responsabilidade de Christian Puech, porque fazemos parte de um grupo de pesquisadores brasileiros que visa a introduzir as questões propostas por essa equipe e tenta aproximar, igualmente, tais estudos dessa perspectiva. Veremos que o que propõe Puech (2004) para a história dos “textos” *versus* história dos “conceitos” ajuda-nos a entender a problemática da disciplinarização. Isso se deve ao fato de que trabalhamos com as diferentes designações que fazem delas disciplinas institucionais, ou seja, estamos tratando “du triple point de vue de leur **invention**, de leur **insertion dans une configuration plus large** et de leur **transmission**: de la mise en forme ‘savante’ à la didactisation” (PUECH, 2004, p. 126). E, como o autor nos ensina, é preciso levar em conta, igualmente, a

escolha que o historiador deve operar entre *história conceitual* e *história cultural* da disciplina.

Convocar a concepção de discurso nos quadros teóricos em questão vai ser determinante para esclarecer as condições de produção sobre as questões de história e de sentido nesse quadro. Para nós, por exemplo, não se faz Análise do Discurso no Brasil (doravante AD) da mesma maneira que Análise Crítica do Discurso (doravante ACD) porque não se trata a concepção de discurso da mesma maneira. Quais são os desafios que estão em jogo entre a história dos textos que vão dar a base teórica e a história dos conceitos que serão levados em conta para construir suas diferenças? Para nós, a base dessa diferença repousa sobre o sentido e a história dados à concepção da noção de social pelo político na política dos estudos sobre a língua e na língua.

A partir dessas premissas, algumas questões se colocam:

- a) o que permite afirmar que a AD e a ACD não são uma mesma coisa? E sendo diferentes, em que e por quê?
- b) as análises do discurso desenvolvidas no Brasil são as mesmas que nós conhecemos na França, na Inglaterra e nos Estados Unidos? Como compreendê-las?
- c) pensamos igualmente que uma parte dos pesquisadores entre nós não é tocada pelo problema dos limites espaciais (territoriais) e/ou temporais de uma especificidade

epistemológica. Isso nos leva a problematizar se, de fato, epistemologicamente, podemos colocar em questão o seguinte: quando fazemos análise do discurso, não fazemos da mesma maneira análise crítica do discurso. Mas o que há de mais ou de menos pela adição da palavra “crítica”? O que é crítica? Qual o sentido de crítica? Por que adicionar crítica à análise que é do discurso? Qual espaço de enunciação e território simbólico (de-)limita o próprio da análise crítica em relação a esta ou àquela designação que não aparece em sua nomeação? Nós pensamos que a fórmula utilizada por Claudine Normand (1980) quando ela coloca a problemática de escrever a história da linguística é valiosa para nossas questões atuais, isto é: “Como se pode desfazer a confusão dos determinismos conceituais e ideológicos” nestas duas disciplinarizações, AD e ACD, no Brasil?

Alguns a priori metodológicos

Nosso exercício de leitura leva em conta que a rede nas relações institucionais dá corpo a um impacto do mundo exterior sobre o desenvolvimento da própria teoria do discurso e que vamos ganhar uma singularidade específica, um meio político de compreensão de nosso universo brasileiro, uma história

que foi interpretada para que pudéssemos pensar nosso “discurso” disciplinar (SCHERER, 2009).

Definiremos rapidamente aqui a AD¹⁰ como aquela que se denomina ela mesma Análise do Discurso e não entraremos no debate muito frequente no Brasil se isso é uma análise *do*, *dos* ou *de* discurso (projeto para um próximo estudo e difícil de explicitar quando tomamos os mesmos autores fundadores). Esta reivindica claramente um enraizamento e uma especificidade do político *na* e *da* língua, onde apareceria, em um jogo discursivo, a relação sujeito, história e memória que se opõe a uma ACD¹¹, centrada nas noções de gênero, crença, classe social, e por ora não vamos entrar nem mesmo na diferença entre ACD e Análise do Discurso Crítica (ADC).

Seria interessante que esses pontos (de certa forma institucionais) fossem estudados para se compreender o lugar (ou a ausência) do social nas Ciências Humanas no Brasil nos anos 1970 e 1980 – começo genealógico dos estudos sobre o discurso. Nossa hipótese é de que a escolha no Brasil, no decorrer dos últimos quarenta anos, se dá em duas direções que enumeraremos a seguir.

Essas duas direções são estabelecidas a partir da problemática levantada por Claudine Normand (1980), e sempre atual, quando nos propõe contribuições para tentar responder à questão “Como fazer a história da linguística?”. Ela aborda dois conjuntos nocionais, dois paradigmas que consideraremos aqui como eixos

fundamentais para propormos nossas reflexões, colocando-os nestes termos:

- o primeiro, que visaria a seu desenvolvimento, sua maturação (o domínio à brasileira, no nosso ponto de vista), seus precursores, suas influências que nos levam a uma mudança na continuidade;
- o segundo, que trataria de seu limiar, seus cortes, suas rupturas. E se uma outra problemática aparecer, a veremos hoje como a mudança na descontinuidade.

Não podemos desenvolver, nesse espaço, mais amplamente as implicações de cada um desses conjuntos e as relações entre eles, porque isso nos exigiria argumentos ainda mais complexos e mais elaborados do ponto de vista didático. Também não dizemos que essa dicotomia seja boa, mas que ela poderia servir de ponto de partida para um desenvolvimento sobre a complexidade real das condições de produção, textuais e conceituais, para nossa análise.

Temos por objetivo, então, compreender as condições de elaboração dos conceitos teóricos e, mais amplamente, dar uma ideia de unidade/diversidade que vai constituir o seu desenvolvimento institucional. A pergunta não é retórica, e a resposta permanece incerta, mas a primeira delas, a que colocamos no início, nos leva a outra: se admitirmos que toda análise depende de certas escolhas teóricas, de quais elementos dispõe, em geral, um analista do discurso por sua formação, não somente na linguística,

mas na análise do discurso, de modo que possamos afirmar que uma não é a outra? Como veremos, há uma contradição constitutiva desse lugar teórico que ocupamos: ser um analista e ao mesmo tempo não sê-lo, de onde observamos o discurso, o que nos permite entender que a língua é da ordem do indescritível.

Analiticamente, nos apoiamos em regularidades identificáveis, de modo a não tomar um modelo aplicável a todos os textos, que poderia ser um modelo dito de aplicação-elaboração, que não defendemos. Essas regularidades podem fazer intervir dois princípios em nossa leitura:

- **O primeiro**, quando de uma escolha e de um quadro referido para a análise. É preciso ressaltar que temos como eixo os escritos produzidos em quadros institucionais, historicamente situados, e que dão sentido político ao disciplinar. Partimos, portanto, para esse primeiro princípio, de um conjunto de documentos que serão considerados como textos datados de uma época determinada e sobre concepções atualizadas nas condições de produção brasileiras. Esses documentos são formados por um conjunto de materialidades constituídas por programas de disciplinas oferecidas em formação doutoral no Sul do Brasil, desde os anos 80 do século XX. Trata-se de cinco programas de formação de cinco universidades durante as últimas décadas. Esses programas

são, geralmente, compostos pelos objetivos, pelas palavras-chave, pelas descrições de conteúdo que deveriam ser tratadas no momento do seu desenvolvimento e divididas em unidades e por uma bibliografia. Também temos, em nosso acervo, os cadernos de chamada com comentários dos professores encarregados das disciplinas¹². Devemos considerar que tais comentários são "adições" na ordem do discurso e, como disse Orlandi, *"par l'ajout, le sujet triche avec l'incomplétude et avec sa dispersion, en produisant l'image du Un, du Complet, de l'Achévé, du Fini"*¹³ (2002, p. 77).

- **O segundo princípio**, quando passamos do material coletado nas formas discursivas utilizadas para análise. Essas formas, que são estruturantes de nosso ponto de vista, podem levar a uma falsa modelização do real e produzem um efeito de coerência e, ao mesmo tempo, de diferença. Gostaríamos de mostrar, por meio de alguns exemplos, quais são essas "ferramentas" que permitem alcançar o nosso objetivo¹⁴. Mas por esses **dois princípios** é preciso levar em conta, sobretudo, que *"l'acte de savoir (la production de connaissance) n'est pas lui-même sans rapport à la temporalité"*¹⁵ (AUROUX, 2007, p. 161).

Os fatos constituídos de dois princípios

Como já sinalizamos anteriormente, nosso trabalho de análise será pensado a partir de dois eixos: a) os conceitos e as origens disciplinares (Tabela 1); e b) os autores de origem e o lugar da transmissão (Tabela 2). Esses são os eixos que sustentam a nossa proposta de compreensão da historicidade e o que estamos pensando. Concebemos como a origem da disciplina a sua fundação como delimitação metodológica necessária, mas resultante de nosso trabalho de interpretação. É certo que não podemos vislumbrar o todo, pois não temos a ilusão da totalidade, mas o que queremos apresentar é um ponto de vista que poderia contribuir para a constituição da história disciplinar dos estudos discursivos no Brasil. No entanto, do lado dos "textos", sabemos que a historicidade "d'une œuvre se construit de la relation entre son inscription dans une situation et la permanence renouvelée de ses enjeux"¹⁶ (CHISS, 2004, p. 115).

Vejam os pelos vestígios identificados e trazidos para este artigo. O primeiro bloco, para a AD, leva-nos, desde o início, para a noção de funcionamento do discurso dissociada da noção de texto, centrada na concepção da linguagem em um lugar social determinado. A noção de formação discursiva é importante da mesma forma que a constituição de uma relação entre três campos – a Linguística (com uma teoria da sintaxe), a Psicanálise e o Marxismo, com um desenho bem particular.

O segundo bloco concerne à ACD: as regularidades dizem-nos, desde o início, que são como uma continuidade da Linguística Crítica (LC) praticada na Grã-Bretanha na década de 70 do século XX, e destacando o campo transdisciplinar "internacional" derivado da linguística dita "contemporânea", com interesse centrado na noção de texto nas relações de poder. O social não aparece em um primeiro momento.

Muito rapidamente, podemos resumir esse primeiro esboço (Tabela 1):

Movimento sócio-histórico – as noções e as origens disciplinares	
AD	ACD
Entremeio	Transdisciplinar
Linguística, Psicanálise e Marxismo	Linguística Crítica, modelo britânico
noção de discurso	noção de texto
formação discursiva	relações de poder
formação social	sem o social

Em um segundo movimento, como segundo eixo, quais são os autores e qual o lugar dado à transmissão (Tabela 2)?

Movimento sócio-histórico – os autores de origem e o lugar da transmissão	
AD	ACD
Sem predecessores, mas com interlocutores	Predecessores
R. Robin	J. F. Searle
M. Pêcheux	M.A.K. Halliday
P. Henry	N. Fairclough
J. J. Courtine	H. Widdowson
J. Guillaumou	M. Coulthard
	T. van Dijk
M. Pêcheux E. Orlandi doutorandos	N. Fairclough I. Magalhães doutorandos
O discurso como motor	O texto como unidade de base do discurso e da comunicação
disciplina de interpretação	disciplina de descrição
A luta de classes nos leva a luta de lugares com dois limiares:	A análise do conflito social é centrada nas relações sociais, incluindo:
a) a formulação da questão do sentido é determinada pela tensão entre a polissemia e a paráfrase;	a) as relações de gêneros e de classes sociais;
b) o sentido não tem relação com o segmental, mas o silêncio significa;	b) assim como as relações de raças e de etnias;
c) o político é recolocado em questão.	c) a crítica é recolocada em questão.

Podemos identificar que a AD constrói seu dispositivo teórico e analítico voltado para o político – e essa é prioritariamente a palavra-chave – afinada com a conjuntura social brasileira pensada a partir da realidade brasileira; já para a ACD, crítica é a palavra-chave, a qual ganha o sentido de preocupações explícitas com o exercício do poder nas relações sociais e volta-se para as relações de luta, mas no sentido de conflito social.

O nosso exercício de leitura é, portanto, considerar que a rede de relações institucionais dá corpo a um impacto do mundo exterior sobre a evolução da teoria mesma do discurso e que nós vamos ganhar uma singularidade própria, um modo político de compreensão do nosso universo brasileiro, uma história que tem sido interpretada para que possa-

mos pensar nosso "discurso" disciplinar (SCHERER, 2009).

Para nós, os conceitos de "político" e "crítica" vão (de)limitar um campo. "Político" e "crítica" vão reger, comandar uma maneira da partilha disciplinar entre o dizer dos dois campos. "Político" e "crítica" vão dar corpo político à análise, vão deslocar o sentido para se desligar de uma política que faz instaurar a discursividade como marca discursiva de identificação (SCHERER, 2006), como discurso fundador, uma singularidade, um modo político de compreensão do social. Mas o político funciona para tentar “résister au système des fausses réponses contournant la matérialité de ce qui est en jeu dans la langue¹⁷” (PECHEUX, 1981, p. 11).

Poderíamos, assim, reter um princípio de funcionamento do discurso desses dois campos disciplinares: **o político com o seu interior e exterior**. O interior com a interpelação e o sujeito histórico; e o exterior com o corpo social e sujeito biopsicossocial. Quem diz político diz – dentro – no interior do corpo social; e quem diz crítica diz – fora – de fora do corpo social; portanto, o político é tomado ao pé da letra para investir, teoricamente, a textualidade e os conceitos na rede de que falávamos no início. Além disso, como podemos ver, a atenção terminológica é constitutiva deste trabalho, desdobrando suas derivas, movimentando-se entre as extensões de sentido e de mal-entendidos. É uma maneira de tratar a velha oposição althusseriana entre o objeto real como objeto empírico que preexiste a toda investigação e o objeto do conhecimento, resultante de um ponto de vista sobre o real que permite nos apropriarmos sobre o modo do conhecimento em uma relação contraditória entre eles.

Para nós, o político será determinante para construir a diferença e a sua disciplinarização no Brasil, perturbando o *status quo*, inquietando as posições estabelecidas e movendo as linhas de clivagem. É, finalmente, sobre esse desafio, em geral, que repousa a aposta da diferença e da força "da luta de lugares" na pesquisa sobre análise dos discursos (quer seja AD, ACD ou ADC) nesses campos disciplinares. É o político que vem instaurar uma singularidade específica, um meio político de compreensão do nosso universo brasileiro, uma história que foi interpretada para que possamos

pensar o discurso da ciência da e sobre a língua a partir de uma formação ideológica que se coloca entre a história conceitual e a história cultural do disciplinar. Portanto, não há especificidade própria a cada forma, mas maneiras sócio-historicamente determinadas de abordar o objeto *discours/discourse*.

Tradução de Simone de Mello Oliveira
e Zélia Maria Viana Paim
(bolsistas PNPd/CAPES)

Le mouvement et les déplacements des études sur le discours à partir des années 1980 et leur disciplinarisation: le cas brésilien

Resumé

Cet article se propose à montrer comment les mots discours et discourse peuvent fonder un disciplinaire brésilien à partir de la problématique sur l'historicisation des idées linguistiques au niveau national. Ce que nous voulons présenter ici ce sont les conditions mises en place lors de leur développement institutionnel et les moyens politiques pour sa constitution. Nous traçons comme objectif de voir comment l'analyse du discours prend des formes propres et devient une discipline à part entière mais se divisant en AD, ACD ou ADC. Notre analyse consistera donc à considérer que le réseau dans les relations institutionnelles donne corps à un impact du monde extérieur sur l'évolution de la théorie même du discours.

Mots-clé: Historicisation. Analyse du discours. Disciplinarisation. Politique. Critique.

Notas

- ¹ Nota da tradução: Este texto é uma tradução do capítulo *Le mouvement et les déplacements des études sur le discours à partir des années 1980 et leur disciplinarisation: le cas brésilien*, do livro *Analyse du discours dans la société: engagement du chercheur et demande social*. Paris: Éditions Champion, Honoré Champion, 2012. v. 1, p. 55-65. Uma versão inicial foi publicada, em francês, na Revista *Letras*, n. 37.
- ² Nota da tradução: “permitir assistir, entre outras coisas, à constituição efetiva da semântica como domínio disciplinar específico” (GUIMARÃES, 2007, p. 27).
- ³ Nota da tradução: “os anos 1970 são o momento fundamental desse novo movimento de ideias. Isto que se apresenta nesta época é, de um lado, de uma importância decisiva e, de outro, marca o começo de um processo de produção de conhecimento que se projetará sobre os anos seguintes e até nossos dias” (GUIMARÃES, 2007, p. 27).
- ⁴ Cf. Rancière, 1998.
- ⁵ Esses resultados de pesquisa são publicados em várias obras, mas, em razão da necessidade de fazer uma síntese, citamos apenas: Scherer (2002, 2005, 2006, 2009) e Petri (2004, 2005, 2008a, 2008b, 2009a, 2009b).
- ⁶ Grande parte dessa documentação estará disponível em breve no nosso laboratório de pesquisa, site: www.ufsm.br/corpus. Observe mais especificamente a página sobre a história de dicionários publicados nos séculos XVIII e XIX no Sul do Brasil, o trabalho realizado com a Universidade do Estado de São Paulo (UNESP / São José do Rio Preto).
- ⁷ Nota da tradução: “designar o processo (histórico) pelo qual as proposições intelectuais concernentes ao campo considerado criam, retomam e tentam dominar a temporalidade de seu desenvolvimento” (PUECH, 2004, p. 125).
- ⁸ Nota da tradução: <http://htl.linguist.univ-paris-diderot.fr/>
- ⁹ Nota da tradução: “do triplo ponto de vista de sua *invenção*, de sua *inserção numa configuração mais ampla* e de sua *transmissão*: da forma ‘erudita’ à didatização” (PUECH, 2004, p. 126).
- ¹⁰ Como enfatizaram Mazière et al., “A especificidade da AD em ciências humanas repousa sobre a incontornável presença da *materialidade da linguagem* nos processos sociais: ela constrói seu próprio objeto a partir dos recursos de linguagem, de sua dimensão inerentemente reflexiva. *É uma disciplina interpretativa ...*” (1995, p. 54). Veja também o resultado desse trabalho de Mazière, em 2005, na coleção QUE SAIS-JE?.

- ¹¹ Para Fairclough (2001), o discurso do analista, como qualquer outro discurso é uma prática social. Ele está dialeticamente relacionado às estruturas sociais, ele nunca estaria acima porque ele está sempre no interior.
- ¹² Por disciplina, entendemos aqui todos os seminários oferecidos na formação doutoral.
- ¹³ Nota da tradução: “pelo acréscimo, o sujeito trapaceia com a incompletude e com sua dispersão, produzindo a imagem do Um, do Completo, do Acabado, do Terminado” (ORLANDI, 2002, p. 77).
- ¹⁴ Tomamos aqui uma observação feita por Claudine Normand (2004, p. 112), quando ela se pergunta sobre a tarefa do exercício de comparação, para expressar nossos sentimentos. Aqui estão seus propósitos: “Eu me pergunto sobre a utilidade dessa demonstração um pouco vã; seria necessário dissecar para se opor às duas séries de teses que, de início, poderíamos imaginar muito diferentes, sem se dar ao trabalho de demonstrá-la?”.
- ¹⁵ Nota da tradução: “o ato de saber (a produção de conhecimento) não está ele mesmo sem relação com a temporalidade” (AUROUX, 2007, p. 161).
- ¹⁶ Nota da tradução: “de uma obra se constrói a relação entre sua inscrição em uma situação e a constante renovação de suas questões” (CHISS, 2004, p. 115).
- ¹⁷ Nota da tradução: “resistir ao sistema de falsas respostas ignorando a materialidade do que está em jogo na língua” (PÊCHEUX, 1981, p. 11).

Referências

- AUROUX, S. *La question de l'origine des langues suivi de l'historicité des sciences*. Paris: PUF, 2007.
- CHISS, J-L. Penser avec et contre les métaphores en Linguistique. *Linguistique et partages disciplinaires à la charnières des XIX et XX siècles*. Victor Henry (1850-1907). Louvain, Paris: Editions Peeters, Bibliothèque de l'Information Grammaticale, n. 55, p. 115-124, 2004.
- FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.
- GUIMARÃES, E. *Sémantique et Grammaire: une histoire des études linguistique au Brésil*. In: ORLANDI, E.; GUIMARÃES, E. (sous la direction). *Un dialogue Atlantique Production des Sciences du Langages au Brésil*. Lyon, França: ENS Editions, 2007. p. 11-35.

MAZIERE, F. *Analyse du discours*, coll. Que sais-je? Paris: PUF, 2005.

_____. et al. Questions d'histoire et de sens. *Langages*, Paris: Larousse, n. 117, 1995. p. 54-66.

NORMAND, Cl. Saussure – Henry: une linguistique générale avec ou sans sémiologie. *Linguistique et partages disciplinaires à la charnières des XIX et XX siècles*: Victor Henry (1850-1907). Louvain, Paris: Editions Peeters, Bibliothèque de l'Information Grammaticale, n. 55, p. 99-114, 2004.

_____. Comment faire l'histoire de la linguistique. *Actes du Colloque Les Sciences Humaines: quelle histoire ? !* Paris: X Nanterre, 1980.

ORLANDI, E. Un point c'est tout. Interdiscours, incomplétude, textualisation. In: *Figure d'ajout phrase, texte, écriture*. Paris: Presses Sorbonne Nouvelle, 2002. p. 65-78.

PÊCHEUX, M. Questions initiales. In: COINEIN, B. et al *Matérialités Discursives*. Lille: Presses Universitaires, 1981. p. 11-12.

PETRI, V. Algumas reflexões sobre o sujeito nos estudos da linguagem. *Revista Língua e Instrumentos Linguísticos*, Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP/Pontes Editores, n. 13/14, p. 65-74, 2004.

_____. Algumas reflexões sobre discursividade, gramática e sintaxe. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. L. (Orgs.). *Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar*. São Carlos, São Paulo: Claraluz, 2005. p. 263-268.

_____. A produção de efeitos de sentidos nas relações entre língua e sujeito: um estudo discursivo da dicionarização do "gaúcho". *Revista Letras*. Santa Maria, Rio Grande do Sul: PPGL/UFSM, n. 37, p. 11-21, 2008a.

_____. Sobre a disciplinarização da Literatura Regionalista Gaúcha: um pouco de história das ideias. *Revista Fragmentum*, n. 15. Santa Maria, Rio Grande do Sul: LabCorpus/PPGL, n. 15, p. 227-243, 2008b.

_____. A emergência da ideologia, da história e das condições de produção no praficiamento dos dicionários. In: INDURSKY,

F; FERREIRA, M. C. L. (Org.). *O discurso na contemporaneidade: materialidades e fronteiras*. São Carlos, São Paulo: Claraluz Editora, 2009a. p. 329-336.

_____. Reflexões acerca do funcionamento das noções de língua e de sujeito no Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul. *Revista Língua e Instrumentos Linguísticos*. Campinas, São Paulo: RG, n. 23, p. 25-35, 2009b.

PUECH, C. Antinomies (V. Henry) et Dichotomies (F. De Saussure) l'idée d'une – science double – dans la linguistique générale de la fin du XIX siècle. *Linguistique et partages disciplinaires à la charnières des XIX et XX siècles*: Victor Henry (1850-1907). Louvain, Paris: Editions Peeters, Bibliothèque de l'Information Grammaticale, n. 55, p. 125-150, 2004.

RANCIÈRE, J. *Aux bords du politique*. Paris: Gallimard, Collection Folio Essais, 1998.

SCHERER, A. E. Memória e história das ideias: o ensino do francês no RS do fim do século XIX ao início do século XX. In: ORLANDI, E.; GUIMARÃES, E. (Orgs.). *Institucionalização dos estudos da linguagem: disciplinarização das ideias linguísticas*. Campinas, São Paulo: Pontes/Capes/Procad, 2002.

_____. Linguística no Sul: um estudo das ideias e organização da memória. In: GUIMARÃES, E; BRUM DE PAULA, M.R. (Orgs.). *Sentido e memória*. Campinas, São Paulo: Pontes/Capes/Procad, 2005. p. 9-26.

_____. Subjetividade, inscrição, ritmo e escrita em voz. In: MARIANI, B. (Org.). *A escrita e os escritos: reflexões em análise do discurso e em psicanálise*. São Carlos, São Paulo: Claraluz, 2006. p. 23-31.

_____. Dos domínios e das fronteiras: o lugar fora do lugar em outro e mesmo lugar. In: SARGENTINI, V.; GREGOLIN, M. R. (Orgs.). *Análise do discurso: heranças, métodos e objetos*. São Carlos, São Paulo: Claraluz, 2009. p. 131-142.